

'Multinacionais têm êxito quando matriz dá liberdade'

As empresas estrangeiras que alcançam os melhores resultados no Brasil são, principalmente, as que têm maior liberdade de ação em relação a suas matrizes. Essa é uma das conclusões preliminares que está sendo registrada pela pesquisadora Susan Strange, professora de Relações Exteriores da Escola de Economia de Londres, em estudo sobre o relacionamento entre governos e empresas multinacionais no período de 1974 a 1986.

No Brasil para levantar dados para sua pesquisa, Susan Strange visitou a Confederação Nacional da Indústria, no Rio, onde citou como exemplos de empresas que têm conseguido o melhor do Brasil, em termos de resultados financeiros, a Coemsa (fabricante de turbinas para usinas termoeletricas, no Rio Grande do Sul, com 98% do controle acionário detido por uma empresa italiana), a General Motors — "Eles produzem motores no Brasil que não são produzidos nos Estados Unidos" —, a Massey e Ferguson — "era canadense e agora é brasileira" —, A Mannes-

mann — "produz mais aço no Brasil do que na Alemanha" —, e a Hoechst, que alcançou resultados bem melhores, segundo ela, depois de se associar em Joint-Venture a companhias brasileiras, somando a tecnologia alemã com a experiência nacional em Marketing e distribuição.

Em contrapartida, ela apontou a Basf, companhia química alemã, como exemplo de empresa extremamente controlada pela matriz. O fato de a direção estabelecida no Brasil não ter muita influência sobre as decisões tomadas em nível geral pela empresa leva a filial brasileira a dispor de menos recursos para investimentos e, conseqüentemente, a não obter resultados tão positivos quando as empresas com maior liberdade de ação, segundo ela.

A hipótese mais importante que a pesquisadora tenta demonstrar em seu estudo é o aparecimento de uma nova relação diplomática, a partir do fato de que governos e companhias estrangeiras precisam de ajuda mútua.